

IBICUY TINOCO DE MAGALHÃES

Reminiscências



EDITÔRA AURORA

REMINISCÊNCIAS

Ybicuy Tinoco de Magalhães

Reminiscências



1970

Gráfica Editora Aurora, Ltda.
Rua Frei Caneca, 19/ZC 14 - Caixa Postal, 7.041/ZC 58
Rio de Janeiro — GB.

REMINISCÊNCIAS

De YBICUY TINOCO DE MAGALHÃES

Nascido na antiga Maxambomba, atual cidade de Nova Iguaçu, Estado do Rio de Janeiro, em 1 de dezembro de 1915, neto e filho de tradicionais famílias, pois, seus avós foram, juntamente com outros cidadãos ilustres, fundadores e propulsores do progresso de Nova Iguaçu — sempre viveu na tradicional cidade, onde desenvolveu seus estudos, tendo colaborado nos jornais da sua terra natal.

Demonstrando, sempre, uma queda para a poesia, aproveitou na sua adolescência os momentos de folga para compor estrofes, as quais, reunidas em versos enfeixam hoje, o seu livro de estréia REMINISCÊNCIAS.

Entre os seus trabalhos literários, acham-se em preparo e para que não dizer — no prelo, os seguintes livros: NOVA IGUAÇU DE MEU TEMPO — TERRA DE NINGUÉM — REVOLTA INTIMA — SONETOS, etc.

É de se esperar, que o público acolha e aplauda, o seu livro de estréia com entusiasmo, como aplaudirá, por certo, as demais obras literárias do poeta iguaçuano.

POUCAS LINHAS

Uma das coisas que sempre pensei na vida: escrever um livro, pequeno, simples, pobrezinho que fôsse, mas que ao menos servisse para ficar como recordação da minha passagem por êste mundo e mais ainda, para que os meus sentissem sempre a minha presença na casa em que vivemos ou em a qual viverão.

Não é uma obra prima — e nunca pensei em deixar tal — apenas umas páginas para que todos pensem como eu, nas Reminiscências...

*E, é recordando que se vive, que nunca
esquecemos o que passamos na vida. Feche
os olhos leitor amigo; assim... vê como é
bom recordar! Vê, quão é sublime, rever-
mos em telas coloridas as fases doces ou
amargas de nossa vida!*

Ninguém consegue viver sem as reminiscências.

O AUTOR

DEDICATÓRIAS

*A memória de meus avós e de meus pais
— a minha evocação*

*A minha espôsa, fiel companheira nas
horas alegres e amargas, com o meu amor e
carinho.*

Aos meus filhos, razão das minhas lutas.

Aos meus irmãos e sobrinhos

A minha homenagem.

Í N D I C E

	Pág.
Reminiscências de Ybycuy de Magalhães	5
Poucas linhas	7
Dedicatórias	9
Quadros do Sertão	13
Perfil de mulher	15
Encontro	16
Poemas de nossa vida	17
Prece da saudade	18
Alelento	20
Que dizer?	22
O pranto que ninguém vê..	23
Evocando	24
Poema da incerteza	25
Desprendimento	28
A doença do poeta	30
... E o vento levou	31
Finados	33
Finados	34
Homenagem a poesia	35
Quem disser	35
A vida do poeta	38
Dia de finados	39
A pérola divina	40
A tela	42
Ano novo	43
Engano	44
Prece duma órfã	45
Concepção de caboclo	48
Moleque Tição	50
A morte de Yumbo	52
Um quadro da roça	54

QUADROS DO SERTÃO

Rompendo as mapurungas e os cipoais
o cabôclo de passo firme
segue, para a pescada.

Um suor, constante corre-lhe
pela pele bronzeada;
ao atingir a clareira
o cabôclo para;
estaca o arpão,
descansa a tarrafa e a nassa
e acocora-se no chão.

Ainda resta
um eitão para atravessar!
Além da envernada
está o rio que margêa a estrada!...

Eis a ponte de imbaúba e camarás;
sobre ela,
passa uma caterva.

Depois,
pela noite a dentro
só se ouve o sapo-martelo,
o grilo

e o mugir dos bois...
De quando em quando,
o cigarro de palha mascando
Zé do Outeiro atira no samburá
uma jurupoca,
uma piába, um lambarí...
— "Este é baita!"
E ri.

.....
Um tanto sonolento
porém satisfeito,
calça arregaçada, aberto o peito
o cabôclo regressa;
pensa, no lar, no Totonho
e a tôda pressa
ruma para a palhoça.
Já a lua declina
e um véu de neblina
amortalha os arbustos do sertão.
Já há gente na roça
plantando milho,
feijão...
Zé do Outeiro
cada vez mais ligeiro,
cantarolando uma canção qualquer
busca descanso
no lar onde o esperam:
o filho e a mulher.
.....

PERFIL DE MULHER

Olhos encantadores
lembmando profusão de flôres
refletidas,
erguidas
sobre o manso lago azulado
onde reflete o amor do enamorado!...

Teus cabelos,
— negros como ébano
ondulados e sedosos
acariciando sua tez morena
Rara beleza, bustos arfantes
sedutores
Doce ninho de sublimes amores!...

Teus lábios,
Petálas de rosas entreabertas,
onde repousa um rosário de pérolas
num riso franco, resplandescente.
Lábios convidativos, tentadores,
para um beijo ardente!...

Teu corpo,
Linhas sinuosas e sublimes
gracioso em cada movimento
Pois tudo em ti
É beleza e encantamento!...

PRECE DA SAUDADE

Crepúsculo.
Reina em tudo o silêncio.
A sombra da tristeza
desce
e aos céus, a Natureza
envia a sua prece!...
Repouso dos sérres...
adormecem nos ninhos
as avesinhás viageiras...
piam os môchos no alto das palmeiras,
assombrando
aos que passam no caminho.
É da igrejinha antiga
no alto da colina,
que partem os acórdes da canção divina
que embala os cristãos.
E Jesus,
espalha sôbre a terra brilho, luz,
sustendo o mundo adormecido
em suas mãos!...
“Ave Maria,
cheia de graça...”
E pelo nosso espírito passa
tôda a evocação sublime
do passado;
— Beijos da mãe querida,

a infância nunca esquecida,
a florida
mocidade...
Um dia; desfaz-se a ilusão.
Chega a idade...
e, a Ave Maria
em vez de alegria,
só traz saudades
ao coração!...
.....
Por tudo que passei outrora
volto agora
a recordar.
— É a sombra da tristeza que desce!...
Ave Maria,
cheia de graça...
Tudo passa...
e, em vez de fazer minha prece,
tenho vontade de chorar!...

ENCONTRO

— Podemos parar um instante?
— Se lhe apraz...
há um perfume estuante
e os seus olhos brilham mais!

Eis as flores que colhi
para lhe ofertar
São flores da Primavera
coloridas
perfumadas,
São nossas vidas
amores, prazeres...
mais nada!...

POEMAS DE NOSSA VIDA

Não mais volveu
ao local da partida
o teu barco, o meu barco,
o barco de nossa vida!

As pedras, as palmeiras,
as gaivotas ligeiras
os peixes pequeninos...
permanecem tristonhos,
como em sonhos,
onde o destino
em que a tudo assiste
Por vêzes alegre, por vêzes triste,
relembra as glórias do passado!

Estais mais môça e mais bela
eu estou mais velho e acabado!

Há um barco à sua espera,
há um poeta na tapera
amargurado!...
Há versos espalhados
em tua vida de felicidades,
Há versos puros e magoados
em minha vida de saudade!...

ALENTO

Abre a janela,
Quero ver o sol da primavera!
Faz anos que na tapera
a sombra triste
impera!...

Há ainda, réstea de luz,
da vida que se foi
e que o destino conduz!...

As flores ressequidas,
orvalhadas pelo pranto
alí estão:
guardadas
neste canto...
há solidão
e, em derredor,
a morte ronda a prêsa melhor!...

É preciso reagir
e, apesar da tristeza,
em vez de chorar, sorrir!...

Abre a janela...
Deixa que o sol e a claridade
penetrem neste aposento.
E assim,
a morte, como a saudade,
sejam levadas
pelo vento...

Agora sim.
Há vida,
há esperança.
E embora
a luz seja pouca e não jorre
a esperança agoniza
mas não morre!...

QUE DIZER?

Me pediste um dia,
"Vate amigo,
eu quero uma poesia
que fale de nós dois..."

Depois...
depois de contemplar-te tanto,
o teu olhar meigo,
o teu falar santo...
— cismei;
O que poderei dizer?
que és a sombra da ventura?

E eu?
A imagem do sofrer?!
Não poderei...
dizer que os teus lábios purpurinos
são de um sabor divino
se nunca os beijei!

Assim pois;
Que poderei, dizer,
Se nada existe entre nós dois?!...

O PRANTO QUE NINGUÉM VÊ...

O pranto que ninguém vê...
que por ser oculto por um riso
ninguém crê...
de dor e de emoção;
é o pranto triste
que sempre existe
no coração!.....

— E por que ninguém crê?
Porque os olhos não mostram
e o coração não se vê?...

E, si alguém pergunta,
se está sofrendo,
se lágrimas de sangue está vertendo
o coração?
Os lábios sorrindo
para todos mentindo,
sempre dizem:
— Que não!...

E V O C A N D O ...

Não é preciso dizer
que o Sol se escondeu
para deixar
que uma nuvem espessa
viesse o Céu turvar!...

Não é preciso lembrar
que, de quando em vez,
um vulto de nossa terra
desaparece,
deixando seus entes queridos
envoltos em dor
e em dolorosas preces...

Não é preciso repetir
que a nossa Cidade Perfume
de tempos atrás,
tornou-se uma cidade nova,
mais rica, mais povoada,
Porém, mais triste... Muito mais!...

POEMA DA INCERTEZA

O que pode me contar,
o Céu de nuvens pardas,
que tem dias claros
e sombras turvas,
que espalha o sol e a chuva,
a escuridão e o Luar,

Do ano que se foi
e do que acaba de chegar?!...

O que pode me contar
o mar, o imenso mar,
que tem seus dias calmos,
seus dias de fúrias
que ouve as preces e as lamúrias
de todos a murmurar...

Do ano que se foi
e do que acaba de chegar?!...

O que pode me contar
a Terra! Esta Terra que Deus abençoou,
que tem as flores,
os prados verdejantes,
as colinas, os montes, ..
onde canta a passarada
em todos os horizontes...

Que conta — Terra bendita,
que abala a alma
e que os Mundos agita...

O que pode me contar,

Do ano que se foi
e do que acaba de chegar?!

.....

O céu, aí está,
Silencioso e calmo,
de noites turvas ou enluaradas,
cobrindo os felizes
e as almas torturadas,

... e nada pode me contar.

O Mar aí está,
ora manso, ora se agitando,
enfurecendo,
cobrindo com o lençol de espumas esverdeadas,
os que se banham sorrindo
e os que nêle vão perecendo...

... e nada pode me contar

A Terra aí está.
por vêzes, a séca abraza,
por vêzes, a chuva reflorece,
os pomos doirados caem,
ouvindo as nossas preces...

encobre os atos da vida,

encobre os que tombam com a morte,
e não para de girar...

entretanto — nada pode contar!...

Nós — sérres pequeninos —
Diante dessas grandezas tantas,
portadores da feiura,
portadores da beleza que suplanta,

Que sucumbimos ao Mar,
que sucumbimos a Terra,
só imploramos ao Céu, para nos orientar...

Mas... nada podemos contar,

Do ano que se foi
e do que acaba de chegar!...

DESPRENDIMENTO

Ninguém reparou
que o Sol refletia,
na relva orvalhada, aquela imagem,
a imagem a que assistia
a derradeira jornada
do poeta,
a alma de artista — o esteta.

Ninguém reparou
que ao crepúsculo,
cansado da jornada,
repousara, a margem da estrada,
o mesmo poeta...
Crente de Deus e do Profeta

Ninguém reparou,
em seu sono profundo,
o vínculo de dor,
que marcava o seu rosto,
espelho do desgôsto,
da máqua, que sofrera...

Ninguém reparou
que estraçalhada,
entre seus dedos crispados,
brilhava, aos raios do sol,
uma minúscula fotografia

que olhava para o poeta
e sorria...

Ali, permaneceu,
até que a terra, fria
de todo se escureceu...

Ninguém reparou,
que jazia na terra orvalhada...

Ninguém reparou...
Ninguém repara Nada!...

A DOENÇA DO POETA

Tôdas as tardes
o poeta esperava, na varanda
a visita
da Doutora jovem e bonita.

O ranger do velho portão
não se fêz esperar;
— Ah! sim. É a Doutora?
Pode entrar.

— Como se sente,
mais animado, mais contente?
Então?

— Por incrível que pareça,
Doutora, a dor de cabeça...
Não há solução.

— Não há solução? engraçado,
será que o mal é tão grave...
ou errei a vocação?!...

— É verdade,
quando longe — me dói a saudade,
quando perto — dói-me o coração.

... E O VENTO LEVOU

Após longa ausência do meu lar,
volto a procurar
tudo que deixei outrora;
minha alma entristecida chora
e agora...

será tarde?
— Que é feito,
(grita-me no peito
a saudade)
das aves que cantavam nos ninhos?
do meu lar? dos meus pais?...
Responde-me a voz da verdade:
— “Morreram... não voltam mais!”

Volvo o olhar, como quem busca na ânsia
dias da infância
sem par:
A palmeira jaz partida
sem vida,
na alfômbra,
onde a sombra
dum lar divino
em que menino
eu viví;
censura-me, porque parti...

Os prados também morreram;
o céu tornou-se triste...

Cerro os olhos e sento-me cansado
e ao desfilar lento do meu passado,
eu vejo que tudo mudou!...

E, os cenários em abandono
foram, como as fôlhas do outono
que tombaram...

... E o vento levou!...

FINADOS

Após longas caminhadas
palmilhando estradas
por onde passei outrora,
vislumbro agora
a sombra do passado.
As mesmas caras... nada está mudado.
Apenas, qual escombros
enegrecidas,
as muralhas floridas
do velho templo, estão esburacadas...

Na secular tôrre
o sino tange
com a mesma tristeza, para o que morre.

Sêres contristados...
murmúrio de vozes...
cemitérios festonados
de azul, verde, lilás...
é dia de finados
e... nada mais!...

FINADOS

Mais uma vez, os sinos dobram,
compassadamente,
concitando a procissão dos penitentes
aos cemitérios festonados.
É finados...
As flores dispersas
lemboram vidas diversas
que repousam nas campas
enlutadas!
É finados... mais nada.
E os sinos dobram novamente,
lentos,
tristes, sonolentos...
Séres pálidos
sobre os túmulos debruçados
choram as vidas que se foram
e as alegrias do passado!...

HOMENAGEM A POESIA

A tarde declinava.
No lago azulado,
dois cisnes deslizavam mansamente...
Em redor das flores,
as borboletas esvoaçavam ligeiras
e as avesinhias brejeiras
trinavam, saudando o Sol...

A cigarra cantava,
como em tôdas as tardes de estío.
Os acordes da música divina,
soberba, magistral,
e o sino da catedral,
enchia o espaço de alegria!...

Era a homenagem do mundo,
a arte sublime: a Poesia!...

QUEM DISSE R

Quem disser,
que o homem comprehendeu
os ensinamentos do Deus Onipotente,
se esqueceu
que, vivendo Ele por vêzes triste
e por vêzes contente,
esquece-se de tudo de repente!...

Quem disser,
que êste Globo imenso,
girando... girando sempre,
um dia parará,
meditando,
sobre o que na Terra existe,
esquece-se
que com tôdas as tristezas,
a Terra
não poderá viver triste!...

Quem disser,
que êste homem,
vivendo,
desde a préhistória
aos dias atuais,
um dia estirpará o mal
que perdura em seu coração...

Esquece-se
que nunca mais, em sua mente,
deixará de existir
o mal da ambição!...

...E, quem disser
que todo o passado
vive apagado,
com a atualidade...

Vive enganado;
Pois é na atualidade,
que sentimos a saudade
do passado.

A VIDA DO POETA

Quanta vez,
à margem do ribeirinho,
eu contemplo o caminho
e a casa de meus pais...

Quanta vez,
eu ouço sózinho
o canto suave e baixinho
das avezinhas nos rosais!...

Quanta vez,
Meu Deus, quanta,
eu cheio de esperança,
aguardo a noite chegar!...
Para ver o regresso das aves,
as melodias suaves
da hora de descansar!...

Quanta vez embevecido,
sonolento e esquecido
eu vejo a manhã voltar...

O mesmo ribeirinho,
as flôres, os passarinhos...
eu contemplo o caminho
e a vida continuar.

DIA DE FINADOS...

A quietude e a tristeza
pairam em todos os recantos,
É o dia das preces e dos prantos...
O cemitério está alcatifado;
enormes velas expiram
em túmulos orvalhados...
Uma cruz de flôres
vivas, multicores,
porém tristes (pois são de dores)
Poisada sobre o peito
duma imagem divina,
desperta-me a atenção.
Chama-me alguém;
ouço a voz dum coração...
e ao gemer do sino,
vislumbro quase extinta,
abraçada a cruz de flôres,

A imagem de minha mãe!...

A PÉROLA DIVINA

A gota mimoso
na pétala de rosa
ficou a cismar:
"as águas correm p'ros rios,
os rios correm p'ro mar".
As águas rolavam incessantes
e a todo instante
ouvia-se a gota falar:
Rio amigo,
vivo sem amparo e sem abrigo,
deixa-me ir contigo
eu quero rolar...
Ver as florestas, as montanhas,
as pedras tamanhas, do fundo do mar...
As ondas bravias,
as calmarias,
o bailado das sombras
A música divina,
as pérolas cristalinas
dum pranto a rolar.
No barco da vida
Pra frente remar...
— Esqueces que as águas não voltam
e a vida também
não pode voltar?...

— "As águas não correm p'ros rios
e os rios não correm p'ro mar?"
As pedras não se encontram?
Por que não posso encontrar?
Sou a lágrima querida
da mãe extremecida
que nesta vida
possue um altar!...

A T E L A

Olhos azuis,
perdidos no infinito,
contemplava além, muito além,
a saudade deixada por alguém...

os cabelos revoltos
voavam-lhe sobre o rosto
pálido, abatido,
com uma mágoa de desgôsto
e o amargo do perdido...

Apesar das flores,
dos arvoredos
e dos raios multicôres,
refletidos no riacho além,
os dissabores
turvavam-lhe o pensamento
e em tudo faltava alguém...

Olhos azuis,
perdidos no infinito,
de momento a momento,
soltando um pequeno grito
a artista arfava
e toda vez que chorava,
maldizia sua vida...

e um colorido trêmulo
colocava,
na tela inesquecida!...

A N O NÔVO

E, no silêncio da noite
os sinos repicaram
alegremente!
Doze pancadas soaram
na imensa torre do templo...
altares iluminados...
doce e divina música
sons maviosos e bailados...
hinos entoados
por anjos divinos,
clarins anunciando destinos...

E, no silêncio da noite
os sinos repicaram
alegremente!
entre risos e flores
o céu abençoava
o Ano Velho que se ia
e o Nôvo que chegava!...

ENGANO

Quando ao surgir a vida,
que o sol brilhava mais,
a lua iluminava
e refletia as imagens
dos lagos e dos pinheirais...

Quando as flôres,
mimosas se debruçavam
sobre o caminho,
cumprimentando os que passavam,
alegrando os que sorriam
e consolando os que choravam...

Eu pensei,
que mesmo por muitos anos,
tudo ia continuar!

Como o nascer do sol,
como o nascer da vida,
e que o poeta,
por tôda a sua vida,
se esqueceria de chorar!...

PRECE DUMA ÓRFÃ

Natal,
Quantas saudades sinto
do tempo que eu cria em tudo!
Chegava o Natal, louca de alegria,
eu corria
para o leito,
para pedir a Papai Noel,
com as mãosinhas sôbre o peito;
— uma boneca,
uma bola, uma peteca...
No outro dia,
mal me beijava a fronte pequenina
o sol, da manhã divina...
— Correndo pelos campos floridos,
eu colhia as flôres,
trazia comigo
um mundo de borboletas multicôres!...
E o paisinho amigo
sorria,
por me ver cheia de alegria!...
Ah!... A vida era tão linda!
Que as vêzes pergunto a mim mesma,
— Por que não estou na infância ainda?

Mas, infelizmente a infância passa,
como um sonho!...
Como a fumaça
dum combóio que leva para longe um nosso ente,
deixando o coração da gente,
tristonho!...

Morreram os meus pais...
e, Papai Noel,
nos meus sapatinhos,
não botou brinquedinhos,
nunca mais!...

Um dia chama-me a avózinha
e me diz:
"— Ouve-me netinha:
Papai Noel é um mito feliz,
que as crianças pensam existir!"

sabendo da verdade,
de tudo senti saudade
e chorei, em vez de sorrir...

Papai Noel não existe!
E eu vivo agora tão triste...
Há tantos anos, vivo em pranto,
que lágrimas não tenho mais!...
Vítima dos desenganos,
há tantos anos,
em vão, a Papai Noel, eu peço tanto
A volta dos meus pais!...

CONCEPÇÃO DE CABÔCLO

— "Apesá dos protésto
de Tio Chico,
do mexerico
das véias do paió,
Rita brejêra
acordada a noite intêra
Rapô ao raiá do Sór!..."

"Peste de minina!
quem haverá de dizê
que naquêle silenço mudo
da Ritinha, coitadinha,
a mardade, enfim tudo,
haverá de se escondê?..."

— Ela tinha vregonha,
querditava em cegonha,
em Papai Noé;
Tudo fazia crê...
Num querditava em muié,
muié de vida,
di batê paiáda nas rua,
nas noites clara de lua;
e a Ritinha, coitadinha...
Quem haverá de dizê?!"

— Péra lá. Não será o Manduca,
o fio do dotô Juca,
aquêle da Capitá...
Será...?

Ela embestô pur sua graça,
sua rôpa,
e será que a desgraça
anda de vento em pôpa,
pra nossa vida atrapaiá?

— Será... quem havéra de dizê?
Que êsse rio que corre pra lá,
é o mêsma que corre pra cá...
que a serra que se alevanta,
que as nuve que fáiz chovê,
que as mata, as pedrêra,
tudo isso, meu Deus, viu a bestêra
que a Ritinha acaba de fazê?
Será que o mundo,
em tôda parte é imundo,
e é limpo em tôda parte...?
e, lá, arte a gente faiz...
Afinar...

Si tudo ansim é,
tanto fáiz vivê nos ár,
nas sérra, ô no mar,
a praga é das muié!...

MOLEQUE TIÇÃO

Moleque Tição,
prêto retinto,
as vêzes distinto
por tapeação!

Moleque Tição,
o prêto sem geito
que bate no peito:
— Eu, sô valentão!
Sô mestre da “ginga”,
do samba ligero;
sô trapacêro;
Sô trapaião!

Toco pandêro,
violão,
lá no terrêro
do barraco dezoito,
dô rastêra,
faço bestêra,
jogo no chão...

Sô também carinhoso...
si no samba choroso
a mulata sestrosa
do braço roliço,
do morro reboliço
desce “gingosa”,
tiro o chapéu,
óio pro céu

Ela passa e não me liga,
é certo uma briga!...
Sô mestre Tição!...
Sô trapacêro,
sô trapaião...

O “gingado” é tão lindo
no morro subindo
que eu óio sorrindo
e deixo de mão.

Sô moleque Tição,
Sô prêto na côn,
mas branco na ação!...

A MORTE DE YUMBO

CENÁRIO: casebre de palha em ruinas.
Uma janela despregada deixa
ver a paisagem natural.

— “Quanto mais desejo
sentir a presença de Flora,
o seu hálito,
o seu beijo...
vejo-me só.
A morte e a tristeza
se acercam de mim.

A vida é assim...
a febre... o delírio... e Flora?
O lírio que trazia outrora?
As rosas brancas do altar...
Já sei, foi embora...
Não vai voltar?
— Flora! Nada...

Maldita janela que permita
que eu veja, que eu grite,
maldita estrada
que se alonga esbranquiçada
desafiando o caminhante...

(Peito arquejante,
Yumbo contempla os montes além)

— Ah! Flora já vem!
Que beleza sem par!
O mesmo encanto da vida passada...
No entanto,
vem encontrar...

— Flora... (Yumbo soluça e chora;
a voz apagada,
interompida,
— Flora, querida...
a tarde colorida
dos anos atrás?
não vês, querida,
nem mesmo a vida
me quer mais!...

— Yumbo! Olhe tua Flora!
A tua vida, tua luz, tua aurora!
— Você foi embora...
Não, Yumbo... fui buscar o lírio encantado
o ninho do amor,
o beijo do passado!

— A despeito da mesma tarde,
... veio tarde.
(Yumbo expira)
Flora não veio. O amor é mentira.
A vida?
Nem mesmo a vida o quis mais.

Em redor do casebre de palha,
os lírios florescem mais...

UM QUADRO DA ROÇA

Erguendo de brusco a cabeça,
largando a enxada,
enxugando com a manga rasgada
o suor da fronte,
Tio Chico, olhou o horizonte,
que através da serra brilhava
e perguntou, com o olhar perdido,
como que ferido —

— Quem estará acolá?
Quem viverá além daquele cume?
A vida? a Morte?
A Dor? o Ciúme?
Há trinta anos, vivo neste deserto,
se me deito tarde
logo desperto,
e cavando de sol a pino,
a terra endurecida,
não conheço outra vida,
que não seja esta vida,
que me deu o destino!...

Os bois puxando, cansados,
os carros carregados
de milho, de cana ou mandioca,
suprem o paiól, o terreiro e a engenhoca...
— Afasta Sereno... Volta, Malhado...
O dia esta acabado.

— Corpo cansado,
joga-se a tarimba de taquara
e nem repará
quando o sono vem.

— Passam-se os anos.
A velhice o espera
na mesma tapera,
onde nasceu.
Tio Chico, velhinho,
sempre sózinho,
não viu que a vida passou
e que êle não viveu!...

Composto e impresso na
GRÁFICA EDITORA AURORA, LTDA.
Rua Frei Caneca, 19
Rio de Janeiro, GB — Brasil

